

PEDIR INFORMAÇÕES/EXPLICAR: ESTRATÉGIAS  
COMUNICATIVAS EM INTERAÇÕES ASSIMÉTRICAS  
LETRADO/NÃO LETRADO

Inês SIGNORINI (Universidade Federal da Paraíba-Campina Grande)

*ABSTRACT: The research reported in this paper concerns the study of communicative strategies found in casual interactions of request for information about how to get to X. The study involves university students, university professors and peasants from the state of Paraíba, Brazil. Based on the study of the structure of this type of interaction the production/comprehension strategies are described in each of the two focussed groups and the resulting expectation differences are discussed.*

## 0. Introdução

O objeto desse trabalho é um tipo de interação face a face fortemente marcado por rotinas interacionais (lingüísticas e de comportamento) tributárias de um raciocínio teórico e prático orientado pela necessidade da ação imediata. E essa "premência" da ação é um traço constitutivo do processo de co-produção discursiva, na medida em que o grau de pertinência e aceitabilidade das significações produzidas se traduz efetivamente em termos de grau de verificabilidade (em contraposição à verdade) no contexto existencial em que se movem os interlocutores. Trata-se, pois, de um processo de co-produção exemplarmente calcado no de co-interpretação do que está em jogo no momento da troca, inclusive o próprio contexto existencial que lhe serve de referência. As trocas assimétricas e eventuais envolvendo letrados escolarizados e não letrados são particularmente esclarecedoras a esse respeito, pois apresentam esse processo em estado crítico, isto é, tendendo ao confronto de interpretações até certo ponto inegociáveis.

A dinâmica desse processo de co-interpretação pode ser melhor apreendida a partir da noção de estratégia comunicativa de produção/compreensão, de inspiração wittgensteineana, articulada ao modelo proposto por Wunderlich e Reinelt (1982) de descrição das rotinas inte-

racionais que caracterizam esse tipo de encontro, conforme apresentado na seção 2 abaixo.

O objetivo desse trabalho é o de apresentar os resultados preliminares de uma investigação sobre as estratégias comunicativas encontradas em interações corriqueiras do tipo em foco, envolvendo letrados escolarizados e não letrados. O esquema pedir informações/explicar reproduz a concepção dos participantes letrados do tipo de atividade por eles proposta. Na perspectiva do grupo não letrado, esse esquema exclui o meta-termo explicação: pedir informações/dizer e/ou apontar.

Os dados empíricos de sustentação são fornecidos pela análise de um corpus composto de eventos gravados, ocorridos em lugares públicos de cinco localidades do interior da Paraíba, conforme descrito na seção 3. A grande maioria desses eventos apresenta perturbações no processo inferencial de produção/ compreensão, o que pode ser explicado em termos de diferenças a nível das expectativas e da capacidade de contextualização de cada grupo sociolinguístico envolvido, conforme demonstrado na seção 4.

## 1. Perspectiva teórica

### 1.1. A noção de estratégia comunicativa

Em lingüística pragmática, a noção de estratégia comunicativa está ligada a uma concepção enunciativa do discurso (Benveniste, Austin, Grice, Searle, Wittgenstein) e se contrapõe à noção de regra (social ou lingüística).

Segundo essa perspectiva, uma estratégia comunicativa é uma habilidade prática - portanto ligada à ação e não à introspecção - desenvolvida no seio de uma comunidade de interpretantes, no sentido pierceano do termo, e expressa através de regularidades no modo de usar a língua em situações corriqueiras. Toda estratégia de produção é também uma estratégia de compreensão, pois possibilita a contextualização das expressões lingüísticas (Parret, 1988: 56-59) por meio de cadeias inferenciais de natureza interpretativa (dependentes do contexto). Esses processos inferenciais envolvidos na produção/compreensão são do tipo "prescritivo" - se A, é racional/razoável que eu/você faça B - e portanto podem ser abordados

em termos de expectativas geradas pela interpretação de contextos. Assim, a compreensão interativa passa a ser fundamentalmente uma questão de grau de congruência de expectativas ou de compreensão das estratégias comunicativas em jogo.

Mas, como preconiza Parret, a compreensão dessas estratégias é "perspectiva" (em contraposição a "objetiva"), regida pelo princípio de relevância (Sperber e Wilson) e não pelo de cooperação (Grice). Isso porque, segundo o mesmo autor, uma estratégia comunicativa é pública (reconhecível pela comunidade de falantes), mas "nunca completamente realizável, nunca completamente transparente" (1988: 61). Em última análise, o que torna possível a comunicação é "o conhecimento estratégico da relevância", comum aos interactantes (1988: 60).

O interesse dessa perspectiva está em rever as noções psico e sociolinguísticas de conhecimento prévio e conhecimento compartilhado como áreas nítidas e estáticas dentro de um contexto interacional global. Se a compreensão perspectiva se faz a partir do dado contratual da relevância, os contextos não são dados a priori, como prevê a tradição letrada escolarizada, mas são construções dinâmicas geradas pelo próprio processo de produção/ compreensão. Dai uma proposta de uma tipologia de processos de contextualização ao invés de uma tipologia de contextos (Parret, 1988: 205- 219).

Outro aspecto interessante é a implicação necessária dos componentes epistêmicos (crenças e valores) dos critérios de relevância na problemática da compreensão. O compartilhamento desses componentes é que instaura uma perspectiva comum de interpretação dos contextos em jogo, inclusive o contexto referencial, ou realidade extra-lingüística, dita objetiva. Nesse sentido, a decisão do que é real para uma comunidade interpretante se dá pela comunicação social e não fora dela, e esse é o espaço da negociação, no sentido atribuído a esse termo pela análise conversacional. E não havendo simetria entre a construção lingüística de natureza simbólica e o referente de natureza existencial, a realidade/verdade no discurso passa a ser um mero efeito de sentido (Barthes), puro artifício criado pelos processos de referencialização ou construção de objetos simbólicos, único universo referencial das construções lingüísticas. Trata-se, como salienta Parret, de um "fazer-parecer-verdadeiro" e não de um ser-verdadeiro, como prevê a referência letrada escolarizada. O conhecimento (saberes) envolvido nesse "dizer-verdadeiro" se traduz antes como certeza

(gradual, relativa) que como necessidade, possibilidade ou contingência. E na atividade comunicativa torna-se "difícil distinguir entre verdade e certeza, saber e crer, saber verdadeiro e crer certo" (1988: 75-76).

A "ilusão referencial" própria dos discursos objetivos, cujo paradigma é o discurso científico, só é possível graças justamente ao apagamento sistemático das marcas desses componentes intersubjetivos da produção discursiva.

Essa maneira de compreender o processo comunicativo nos permite melhor descrever as dificuldades do letrado escolarizado ao defrontar-se com estratégias comunicativas que não lhe são familiares e que, sob muitos aspectos, subvertem as suas.

## 1.2. O modelo para descrição de percursos

Sendo uma resposta a uma pergunta do tipo **como fazer**, explicar como chegar em X é um discurso de cunho informativo, centrado no ato de descrever. Do ponto de vista do explicatário letrado, esse discurso deve ser "objetivo" ou, mais especificamente, deve ser objetivado através de mecanismos de neutralização da (inter) subjetividade interpretante (aspectos dêiticos, modalidades). Nesse processo de neutralização, o **eu** agente (centramento) é objetivado num **ele** neutro (decentramento), o **aqui** e o **agora** da enunciação (dêixis) são objetivados numa topologia de coordenadas manipuláveis e num tempo "u-tópico" (Parret, 1988: 166) (projeção generalizante). Nesses termos, o discurso a ser co-produzido deve projetar a imagem de dois interlocutores atentos a uma realidade (ou verdade) dada, constatável e re-constituível através do discurso.

A partir da heurística de resolução de problemas, Wunderlich e Reinelt (1982) identificam nessa "tarefa" discursiva de ensinar um caminho o interrelacionamento de três subtarefas: a cognitiva (ativação/construção de um mapa cognitivo pertinente), a interacional (desempenho satisfatório dos papéis de explicador e explicatário) e a linguística (formulação adequada em termos de concisão e clareza dos fragmentos de discurso). Essas três subtarefas orientam, segundo os autores, a atividade discursiva que, para ser completa, deve desenvolver-se em quatro fases que se sucedem e constituem o esquema interativo: a abertura, a descrição do percurso, a confirmação e o fechamento.

### 1.2.1. O esquema interativo

A abertura é sempre iniciada pelo explicatário e termina quando o explicador começa a descrever o percurso. Desenvolve-se em três momentos:

a) O explicatário dirige-se ao explicador através de uma rotina que costuma conter três segmentos: com o primeiro ele chama a atenção do explicador, com o segundo diz o que quer dele e com o terceiro para onde deseja ir. São rotinas do tipo "por favor, pode me dizê com é queu faço pra i pra X", "pra chegá em X, heim moço, qué queu faço", como as encontradas no corpus analisado.

b) O explicador reage indicando que compreendeu o pedido. Essa reação se dá de várias maneiras: repetindo o nome de X, demonstrando surpresa ou dando sinais de que está planejando a resposta. Mais raramente, o explicador inicia imediatamente a descrição do percurso. Ainda nessa etapa, o explicador pode solicitar esclarecimentos, discutir alternativas ou pontos de referência. Pode também oferecer-se para acompanhar o explicatário.

c) Em função da reação do explicador em (b), o explicatário confirma o que foi pedido ou especifica melhor o que quer fazer, o meio de transporte disponível, etc.

Essa primeira fase do esquema interativo pode alongar-se, sobretudo quando o explicador escolhido não conhece o caminho e o explicatário insiste, reformulando a pergunta.

A segunda fase, ou núcleo explicativo, compreende a descrição do percurso até a chegada do destino final ou de suas imediações. É sempre iniciado e finalizado pelo explicador e pode desenvolver-se de uma só vez ou aos poucos, intercalado de pausas para reflexão, auto-correções, explicitações, etc. O final dessa fase se dá quando o explicador declara pela primeira vez em sua descrição que o destino final foi alcançado.

A terceira fase do esquema é a da confirmação das informações dadas. Enquanto o explicatário não dá sinais convincentes de que compreendeu e/ou de que é suficiente o que foi explicado iniciando o fechamento, o explicador se sente obrigado a retomar sua explicação e/ou a complementá-la indefinidamente. Essa retomada consiste do

resumo, da repetição ou da paráfrase de toda a descrição feita ou de partes dela, além de explicitações e comentários. Segundo Wunderlich e Reinelt, essa fase é facultativa (apesar de ter aparecido em quase todo o corpus analisado por eles) e tende a ser menos estruturada que a anterior por estar mais orientada para as reações do explicatário.

A última fase do esquema interativo é constituída pelo fechamento. É sempre iniciada pelo explicatário, pois cabe a ele desobrigar o explicador da tarefa de continuar explicando. Por causa disso, são freqüentes os pré-fechamentos. As formas utilizadas nessa fase são geralmente rotinas de agradecimento e também de assentimento do tipo "tá", "tá bem", "tá ok"

### 1.2.2. A descrição do percurso

Segundo Wunderlich e Reinelt, uma descrição de percurso para ser completa deve conter três segmentos caracterizados tanto pela parte do percurso a que remetem quanto pelos índices verbais específicos que neles aparecem:

a) o percurso inicial: do local onde se encontram os interactantes, que pode ser indicado por **aqui** ou **agora**, até um ponto ou destino intermediário, geralmente dentro do campo de visão dos participantes. Nesse percurso são indicadas referências através de marcadores direcionais como **aí**, **ali**, **lá**, associados a marcadores de posição, como em "aí embaxo", "ali detrais", "lá na frente". Nesse percurso, as indicações são acompanhadas do gesto de apontar.

b) o percurso intermediário: entre o percurso inicial e o destino final são indicados vários pontos intermediários identificados através de referências destinadas a orientar o explicatário quando o destino final ainda está fora do seu campo de visão. Quando não há mudança de direção, é suficiente a indicação de seguir em frente, como em "direto", "direto direto", "andano mermo", etc. Nesse percurso são de extrema importância a escolha e descrição das referências e a indicação de direção e posição no espaço físico.

c) o percurso final: o final da descrição, que corresponde a uma indicação de que o destino final foi alcançado ou que se chegou a um ponto próximo o suficiente para que os passos seguintes sejam óbvios. A chegada ao destino final é assinalada através de rotinas do tipo "já chega lá", "e sai memo inriba de X", em que aparecem um verbo de

movimento, ou do tipo "é lá", "ai tá veno logo assim", em que aparecem verbos locativos.

Como assinalam os autores, a descrição de percurso tem dois pontos salientes - o ponto de partida e o destino final - entre os quais há uma área de relativa incerteza em que só uma escolha adequada das referências espaço- temporais e o uso adequado dos marcadores de posição pode evitar indecisões e dúvidas do explicatário. Essa incerteza se reflete também no fato de os dois pontos salientes serem assinalados através de rotinas lingüísticas, ao passo que para descrever o percurso intermediário, os falantes dispõem de diferentes possibilidades de formulação.

Nessa etapa, portanto, em que o objeto da explicação torna-se ausente - ou insuficientemente próximo para ser visto -, os recursos de referencialização que caracterizam o discurso objetivo tornam-se imprescindíveis `a elaboração do mapa e `a identificação do referente (concisão e clareza).

## 2. Metodologia

O corpus utilizado para sustentação desse trabalho é composto de 45 eventos gravados durante os meses de abril e maio de 89, nas localidades de Pedra d'Água (120 hab.), Lagoa de Roça (2.000 hab.), Lagoa Seca (7.000 hab.), Boqueirão (40.000 hab.) e Campina Grande (350.000 hab.), situadas nas micro-regiões paraibanas do Agreste, Brejo e Cariri.

Esses eventos foram "provocados" (por oposição a espontâneos e casuais) a partir dos seguintes contextos imediatos:

Contexto no. 1 (C1): num automóvel, uma mulher acompanhada do marido e dos filhos menores pede informações a transeuntes.

Contexto no. 2 (C2): num automóvel, um homem acompanhado da mulher e dos filhos menores pede informações a transeuntes.

Contexto no. 3 (C3): num automóvel, duas mulheres pedem informações a transeuntes.

Contexto no. 4 (C4): a pé, duas mulheres ou uma mulher e um homem pedem informações a transeuntes. Quatro pessoas solicitaram as informações: três mulheres e um homem, sendo três professores universitários (Letras e Computação) e uma mestranda em Letras. O critério que presidiu a escolha desses participantes como explicatários

foi a de assegurar uma certa homogeneidade quanto ao grau de letramento.

Quanto aos informantes, em sua maioria absoluta transeuntes e portanto desconhecidos, a escolha foi aleatória em função das circunstâncias. Uma consequência disso foi a predominância absoluta de informantes do sexo masculino: 20 homens, 10 mulheres, 2 crianças, 3 duplas de homens, 3 duplas de mulheres, 3 casais, 2 grupos de homens e 2 grupos de mulheres. A variação da idade aproximada é de 10 a 60 anos.

Quanto à variável grau de letramento, tentou-se fixá-la indiretamente através de outra variável - a condição sócio-econômica. O principal alvo visado foram os pequenos agricultores. O segundo alvo visado foram os pequenos proprietários que, apesar de habitarem a cidade, continuam ligados diretamente à vida das comunidades rurais de onde vieram. Em função das dificuldades de se atingir o primeiro grupo em seus locais de origem, decidiu-se pela coleta dos dados na ocasião em que todos - os dois grupos - se cruzam na cidade. Assim, os dados foram colhidos em dias de feira, quando os agricultores vêm à cidade vender o que produzem e suprir todas as demais necessidades. A única exceção foi o povoado de Pedra d'Água, onde não há feiras livres.

As gravações entre letrados foram feitas em Campina Grande, com informantes da classe média, sobretudo estudantes de 1o. e 2o. graus. Quanto às informações solicitadas, a principal preocupação foi perguntar por locais presumivelmente conhecidos por todos (açude, matriz, campo de futebol, etc) Na medida do possível perguntou-se pelo mesmo local a partir de pontos diferentes da cidade e da periferia da cidade. Na grande maioria dos casos, a cidade não era conhecida dos explicitários e portanto as situações criadas se aproximaram bastante das que ocorrem normalmente no cotidiano.

Nas transcrições procurou-se reproduzir as unidades de fala (jatos) marcadas pela prosódia. A separação dessas unidades é feita pelo uso da barra inclinada (/), que quando utilizada no final do turno indica interrupção brusca. As demais convenções de transcrição seguem as orientações de Marcuschi (1986).



### 3. Análise dos resultados

#### 3.1. O esquema interativo

Em termos gerais, a nível de esquema interativo, a estrutura proposta por Wunderlich e Reinelt pode ser verificada em todas as interações que compõem o corpus desse trabalho, mesmo que de forma incompleta, como também previsto na descrição desses autores. O problema, nesse nível, quando aparece, diz respeito sobretudo à utilização de uma estratégia global previsível mas francamente despreferida pelo grupo de letrados: a estratégia das múltiplas abordagens. Ao invés de etapas de um percurso mais longo, tem-se uma série de pequenos percursos, uma estratégia também prevista pela heurística de solução de problemas. Cada explicador só tem que apontar o próximo. Isso faz também com que cada interação reproduza a situação canônica de enunciação, centrada no aqui e agora e em que cada participante se vê e vê o que o outro está vendo (Lyons, 1978: 261).

Essa tentativa de reproduzir sempre que possível a situação canônica, mais conhecida do explicador, orienta também a indicação das direções a partir de um referente que se encontra dentro do campo de visão dos participantes. Daí a ambigüidade de indicações do tipo "fica por detrais do mercado", "fica probaxo da torre", etc. Mas a questão é que essa é de fato a referência sócio-cognitiva e linguística fundamental do grupo não letrado. A aquisição de estratégias nesse campo se deu principalmente através de encontros canônicos. A principal implicação disso é a perspectiva dêitica (por oposição a decentrada, neutra, objetiva) que passa a orientar o processo comunicativo.

Na terceira fase do esquema, é significativo o número de eventos em que o explicatário pede explicitamente a confirmação das informações dadas. Com freqüência, esse pedido é introduzido pelos marcadores "perai/pera lá" e/ou "então" e sugere uma reorganização da descrição a partir de um ponto de partida explicitamente definido pelo dêitico aqui + gesto de apontar, como em "então perai/ eu saíno daqui:.". Muito freqüentemente o explicador repete então o que disse antes, acrescentando poucas especificações e comentários. É também freqüente a indicação de um ponto próximo, às vezes dentro ainda do campo de visão dos interactantes, e a sugestão é de que lá se pergunte de novo. Essa sugestão é mais freqüente através da expressão perguntar

"mais na frente".

Quando há retomada da explicação, poucas são as variações em relação às estruturas linguísticas utilizadas na primeira descrição. Contrariamente ao que prevê Wunderlich e Reinelt, essa retomada tende a ser mais estruturada que a anterior. Isso se explica sobretudo pela dificuldade do explicador em decidir o que, do que havia sido dito, precisa ser melhor explicado, e, evidentemente, pelas dificuldades do explicatário em sinalizar suas dúvidas. Ao repetir sua descrição, o explicador tende a dar uma versão menos tensa que a anterior, com menos interrupções e auto-correções, daí o aparecimento de estruturas mais completas.

Mas por contrariar as expectativas do explicatário de uma segunda explicação mais esclarecedora que a primeira, essa fase constitui de fato o ponto mais crítico da interação. É significativo a esse respeito o fato de que toda sugestão de perguntar "mais na frente" seja tomada sistematicamente como pedido de fechamento. Quando isso acontece, há uma espécie de interrupção do processo, com o fechamento imediato.

### 3.2 A descrição do percurso

Os problemas advindos da assimetria sociolingüística se fazem sentir de forma mais concreta nessa etapa da interação (2a e 3a fases do esquema interativo), mais particularmente na descrição do percurso intermediário, ou seja, do espaço-tempo a ser reconstituído unicamente através dos recursos discursivos. Quando nenhum referente existencial é conhecido do explicatário, as dificuldades são maiores. Essas dificuldades de produção/compreensão podem ser explicadas a nível:

a) da concepção da natureza do problema apresentado e, conseqüentemente, da estratégia a ser adotada.

A tendência verificada entre letrados é a de encarar o problema como uma tarefa discursiva (explicação), isto é, da ordem do dizer, exigindo um modo de raciocinar/ agir do tipo lógico-verbal e portanto baseado na abstração e no modo teórico de generalização (concisão e clareza) que caracteriza o modelo do discurso objetivo. Trata-se, no caso, de elaborar e descrever o mapa com recursos prioritariamente lingüísticos e para-lingüísticos.

Entre não-letrados, a tendência é encarar o problema como uma tarefa de natureza prática, isto é, da ordem do fazer, exigindo um modo de raciocinar/agir que poderíamos chamar lógico-sensível, calcado portanto na concretude da experiência imediata e no modo prático de generalização (Luria, 1988: 39-58). Trata-se aqui de, ao invés do mapa, 1) referir-se diretamente ao território com o principal recurso de apontar e conseqüente minimização da mediação lingüística e/ou 2) representar, no sentido teatral do termo, uma configuração situacional hipotética (passada ou futura), e/ou 3) descrever o território por traços individuais e concretos (em contraposição a gerais e abstratos), advindos da experimentação (inter) subjetiva da comunidade interpretante.

Em termos de estratégia global, o grupo de não letrados vai privilegiar as abordagens múltiplas: vários informantes que apontam, ao longo do caminho, para referências situadas no seu campo de visão (real ou imaginário) e/ou vários informantes que apontam, ao longo do caminho, para referências descritas por traços não imediatamente reconhecíveis pelo explicatário (desambigüização).

b) dos processos de referencialização e, conseqüentemente, do conjunto de crenças e valores que subjazem a utilização da língua em situações ligadas à ação.

Ao ter como paradigma o discurso objetivo, o grupo letrado tende a assimilar a verdade/ realidade do discurso (natureza simbólica) às condições de verdade/ realidade do contexto extra-lingüístico (natureza empírica), conforme descrito na seção 2.1 acima. Em conseqüência, a divergência flagrante dos critérios de relevância que, entre os dois grupos interpretantes, presidem a identificação do referente, faz com que o confronto de interpretações e conseqüente opacidade do discurso sejam assimilados ao erro ou a incompetência comunicativa do grupo sociolingüísticamente desprivilegiado, da mesma forma como a ausência de nomes próprios na identificação de caminhos e referências tende a ser associado a uma desorganização irracional e improdutiva do espaço comunitário.

c) dos processos de contextualização e, conseqüentemente, da atribuição do sentido.

Ao ter como paradigma o encontro canônico entre pares, o grupo não letrado tende a calcular mal as diferenças de perspectiva (partilha da relevância) na interpretação de contextos. Na maioria absoluta das

interações analisadas, o explicador age como se o espaço visado fosse conhecido do explicatário, quando não o próprio caminho objeto da indagação. O grupo letrado, por sua vez, também tem dificuldades em negociar essas diferenças de perspectiva através de operações de formulação e, muitas vezes, fica perplexo diante da opacidade do discurso produzido.

A título de ilustração das diferentes expectativas em jogo, é interessante observar as passagens transcritas nos exemplos abaixo:

1) Campina Grande - maio/89

C2 M11 (mulher, professora universitária, 35 anos)

/.../

I: você sobe essa rua, ((apontando))/ lá na frente você vê a direita um prédio/ que um colégio bem grande/ com muitas janelas, ((gestos)) que vai de uma esquina a outra dessa rua, quando você chegá no final desse prédio' dobre a direita e siga em frente/ direto/ que você chega no Hospital A. T.,

/.../

Essa passagem reproduz com bastante fidelidade o modelo da descrição objetiva: lexicalização das marcações de posição e de direção, relevância situacional de elementos descritivos padronizados. As expectativas do grupo letrado remetem a esse padrão.

2) Boqueirão - abril/89

C4 H17 (homem, 15 anos, agricultor)

S : como chegá até o campo de futebol"

I : (o campo de futebol)"

S : sim'

I : ((apontando)) o campo de futebol fica ali por detrais

S : hum/ detrais de quê"

I : do mercado

S : do mercado

I : é

S : hum

I : ((rápido)) a siora entra por detrais do mercado e sai desceno assim numa rua aí/ ((baixando o tom de voz)) tivé o Dungão/tivé o nome Dungão (incompreensível)

S : Dungão o que é o Dungão"/ (+) o que é Dungão"/ é a é o campo"

I : é/ o campo  
 S : hum/ então mais aqui: eu vô como/ eu vô direto é"  
 I : a sinhó:/ a siora vai pelo mercado  
 S : si.m/ ((baixo)) pelo mercado  
 I : aí a siora/ ((rápido)) era melhó pode preguntá os povo aí e eles lhe diz,  
 S : tá/ brigado

Este é um exemplo do tipo de encontro mais freqüente no corpus. Logo na indicação do percurso inicial, o marcador direcional *ali* associado ao de posição *por detrais* determina uma área provável em torno de um ponto que, apesar de situado dentro do campo de visão dos interlocutores, não é identificado pelo explicatário. Dada a amplitude desse campo e a distância em relação ao ponto assinalado, o gesto não é um elemento desambigüizador suficiente. O mesmo efeito de vagueza aparece na indicação do percurso intermediário, em que não aparecem elementos descritivos suficientes para a referencialização de objetos bem definidos. A única pista discursiva de que dispõe o explicatário para relacionar o nome próprio com o lugar procurado é o abaixamento significativo do tom de voz do explicador. Só com a interpretação de outras pistas contextuais torna-se possível a contextualização do fragmento lingüístico.

Ao se recusar em mudar suas estratégias, o informante não letrado se desincumbe do papel de explicador, provocando o fechamento imediato da interação pelo explicatário. O efeito causado nesse último é o de uma recusa da explicação como um todo.

### 3) Boqueirão - abril/89

C2 H02 (homem, 40 anos, morador da periferia da cidade)  
 S : podia me dizê comé que eu faço pra i pro sangradoro"  
 I : (+) muito fáci,/ ((rápido, apontando)) o sior pode descê direto aqui quando chegá ali no posto o sior pergunta' / queles informa,  
 S : po:sto: que posto"  
 I : posto de gasolina,/ nessa rua direto aqui ((gesticulando)) na na na rua (incompreensível) (logo) pertinho aí"  
 S : aqui em frente tem um posto"  
 I : | é sim/ pode i em frente,  
 S : tá/ tá  
 /.../

Ao anunciar uma solução "muito fácil", o informante cria para o explicatário letrado uma expectativa de uma informação completa, isto é, contendo todos os passos necessários para atingir seu objetivo. A substituição do objetivo final por um intermediário causa de imediato estranhamento. A avaliação do informante não aponta evidentemente para o mesmo ponto de referência: a estratégia das múltiplas abordagens "facilita a vida" do explicador, enquanto dificulta a do explicatário.

4) Boqueirão - abril/89

C3 H15 (homem, 40 anos, agricultor)

/.../

I: quando chegá lá na frente depoi que tivé (+++)/ ((rápido))  
pronto tem uma casinha sorta né"

S : sim'

I : tem um um bazineho onde tem uma sinucazineha'/ pronto o  
bá na frente o: o/

S : o campo / é na frente

I: lo campo é na frente/ viu"

S : perto do bar então

I : é/ a: o menino lá se chama/ Nilso

S : Nilson

I : viu"

/.../

Apesar dos elementos descritivos apresentados pelo explicador, a identificação das referências é problemática para um interpretante estranho à comunidade. Os traços escolhidos para a descrição (relevância) estão estreitamente relacionados com a freqüentação inter-individual dos locais e objetos descritos e escapam à padronização promovida pelos usos públicos da escrita.

5) Boqueirão - abril/89

C1 DM01 (dupla de mulheres, média 55 anos, moradoras da  
periferia da cidade) /.../

I: ((rápido)) agora vocês des da da viage vocês fica de fr  
((gesticulando)) da viage que vocês vão aqui vocês fica de  
frente a bomba de gasolina

S : se: i/

I : num fica bem de frente não ((gesticulando)) mais pode oiá prali  
assim/ ((gestos com as duas mãos)) que tá bom /.../

Para descrever um momento decisivo do percurso a ser feito, a informante reconstituiu com gestos e o próprio corpo os elementos de um cenário organizado a partir do agente do deslocamento. Conseqüentemente, para a adequada identificação da referência (posto de gasolina), o explicatário deverá re-encenar com muita precisão - "oiá prali assim" - o que foi representado.

6) Pedra d'Água - maio/89

C4 H19 (homem, 40 anos, agricultor)

/.../

I : /.../ ((num crescendo)) assobe sai lá em João de Nadi/ de João de Nadi/ sai lá em Antoim Gome/ de Antoim Gome sai lá no cemitero qué da chã aí sobe' e sai na chã, / é pertim pertim

Nessa passagem, o efeito produzido pelo aumento gradual da tensão até o relaxamento final, quando a chegada ao ponto de destino é mencionada, é o mesmo convencionalizado para sinalizar pelo rádio a iminência de um gol durante uma partida de futebol. As perturbações na compreensão daí decorrentes não se explicam apenas em função da opacidade dos pontos de referência e a velocidade com que os enunciados são produzidos, mas também em função do efeito inusitado, tendo em vista os padrões de descrição objetiva. O ponto de referência temática é deslocado do referente para uma avaliação (inter) subjetiva do grau de proximidade e, portanto, de facilidade (esforço) da ação a ser feita. E esse deslocamento do eixo temático imprime ao discurso um caráter puramente argumentativo (em contraposição a informativo, ou explicativo). Trata-se, pois, de convencer o interlocutor da verdade de uma opinião: "é pertim pertim".

7) Boqueirão - abril/89

C1 H03 (homem, 50 anos, agricultor)

/.../

S : e aonde é queu faço pra i \_pra ponte"

I : | ((gesticulando, girando o corpo para um lado e para outro)) a siora vá aqui quando chegá aí no retorno aí entra assim/ descê qualqué coisinha pode entrá direto/ sempre procurano assim/ ((mais rápido)) quando chegá./ tivé uma curva (grande) tem um colégio grande/ pronto desceu travessô a ponte pode subi/ que vai pro sangradô,

/.../

Nessa passagem, o explicador reproduz um tempo de deslocamento e a própria experimentação física no espaço: mima (no sentido teatral do termo) com o próprio corpo o deslocamento do veículo e marca variações no tempo de deslocamento através de variações na intonação e no ritmo. O efeito de sentido aqui é o da irrealidade do percurso, uma espécie de avesso do discurso objetivo.

#### 4. Conclusão

Como foi demonstrado nas seções anteriores, a referência aos modelos institucionalizados de explicação objetiva veiculados pela educação formal, e portanto, vinculados ao exercício da escrita, constitui um fator determinante para a identificação das estratégias de produção/compreensão e portanto das expectativas colocadas em jogo pelo grupo de letrados escolarizados. Da mesma forma, no caso dos não letrados, é fundamental a referência ao modelo canônico de interação face a face para a compreensão de estratégias e expectativas diferenciadas em relação às de seus interlocutores. Ao invés dos usos públicos da escrita como fator de estabilização de formas e sentidos - "um prédio/ que um colégio bem grande/ com muitas janelas,/ que vai de uma esquina a outra dessa rua" -, o grupo não letrado dispõe de estabilizadores locais definidos e perpetuados na e pela freqüentação comunitária dos espaços e dos objetos e pelas relações interindividuais personalizadas (em contraposição a anônimas) - "um bacinho onde tem uma sinucazinha"; "o menino lá se chama/ Nilso".

A opacidade do discurso interacional só se constitui, pois, como um efeito desse confronto e não de um suposto "desvio" de padrões discursivos e/ou epistemológicos de maior prestígio, como pode levar a crer a tradição letrada escolarizada, na sua condição de guardião desses mesmos padrões.

Nesse sentido, as formas propriamente discursivas de incidência da assimetria letrado/ não letrado, é necessário articular a questão da assimetria em termos de poder e controle.

O papel de explicador, nesse tipo de interação, é o de um expert entrevistado. Seu discurso deve ser verossímil, não necessariamente verdadeiro. Pode ser adequado ou não, mas mesmo se teoricamente sua autoridade de explicador possa ser contestada (grau de conhecimentos, condição socioeconômica), raramente isso se verifica na prática (Ebel,



1981:27). A explicação não admite polêmica. Através do princípio da preservação das faces, o equilíbrio ritual é sempre restabelecido, mesmo no caso de fechamento precipitado.

Mas na condição de expert entrevistado, a situação do explicador não letrado é tensa. Como expert, ele tem um tipo de poder que procura legitimar através de mecanismos persuasivos (fazer-creer-verdadeiro) - "pode i sem susto" - e da imposição de suas estratégias comunicativas. Ao mesmo tempo, porém, sua condição de entrevistado o expõe ao desejo de poder e controle de seu interlocutor que, no caso, pertence a uma categoria socioeconômica de maior prestígio e domina os padrões discursivos e de comportamento socialmente valorizados. Essa tensão é tipicamente marcada pelas variações, durante a entrevista, no emprego dos pronomes de tratamento, sobretudo quando o explicatário é um homem.

Do ponto de vista do explicatário letrado, apesar de sua condição de entrevistador e de sua posição privilegiada, ele não dispõe de controle suficiente para impor suas próprias estratégias, tidas como universais e verdadeiras pela tradição cultural patrocinada pela escola e demais instituições da sociedade burocrática. Em última análise, só a frequência social poderia abrir espaço para a negociação, a nível de perspectivas de co- interpretação dos vários contextos em jogo, já que diferentes estratégias comunicativas significam de fato diferentes condições sociais, ou seja, diferentes modos de vida e não apenas diferentes modos de dizer as coisas.

(Recebido em 29 /10/1991 / Accito em 10/04/1992)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EBEL, M. (1981) L'explication: acte de langage et légitimité du discours. *Revue européenne des sciences sociales*, XIX, 56: 15-36.
- LURIA, A.R. (1988) Diferenças culturais de pensamento. In L.S. Vigotskii et alii. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Icone/Editora da Universidade de São Paulo, 39-58.
- LYONS, J. (1978) *Sémantique linguistique*. Paris: Larousse.
- MARCUSCHI, L.A. (1986) *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática.
- PARRET, H. (1988) *Enunciação e Pragmática*. Campinas: Editora da UNICAMP.

WUNDERLICH, D., R. REINELT (1982) How to get there from here.  
In: R.J. Jarvella and W. Klein (ed.) *Speech, Place, and Action*. John  
Wiley & Sons Ltd. 183-201.